

Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul¹

Historiography of Polish immigration:
A prospective assessment of the studies about Rio Grande do Sul State

Regina Weber²
reginaw@terra.com.br

Thaís J. Wenczenovicz³
t.wencze@terra.com.br

Resumo. Este artigo pretende apresentar ao leitor uma análise dos estudos sobre a imigração polonesa no Rio Grande do Sul, situando-os no contexto interétnico que caracteriza essa sociedade de acolhida, o que afeta tanto a visibilidade dos diferentes grupos quanto a produção intelectual a seu respeito, que, em parte, são de autoria de descendentes de imigrantes do próprio grupo, ou seja, por indivíduos que se reconhecem e são reconhecidos como “poloneses”. Busca-se revisar algumas interpretações desta historiografia, direcionando a ênfase para fatores, tais como os desdobramentos econômicos das áreas ocupadas e o papel dos imigrantes urbanos; o enquadramento comparativo com relação aos estudos sobre alemães e italianos; a influência dos Estados de origem junto às comunidades emigradas e a presença dos judeus étnicos entre os poloneses.

Palavras-chave: historiografia, poloneses, imigração.

Abstract. This article presents an analysis of the studies on Polish immigration in Rio Grande do Sul, placing them in the interethnic context that characterizes this host society, which affects both the visibility of the different groups and the intellectual production about them. These concepts are in part authored by the descendants of the immigrants from the group itself, namely, by the ones who are recognized and who recognize themselves as “Polish”. This study also aims to review some interpretations of this historiography, emphasizing some factors, such as the economic developments in the occupied areas and the role of the urban immigrants; the comparative framework towards the studies on the German and Italian people; the influence the origin states of the immigrants had over the communities and the weight of ethnic Jews among the Polish people.

Key words: historiography, Polish people, immigration

¹ Este artigo é resultado do projeto de pesquisa “História e Etnicidade no Sul do País” e, mais especificamente, do projeto “Imigração Polonesa no Sul do País: Avaliação historiográfica e possibilidades de pesquisa”, que contou com o financiamento do CNPq.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História.

³ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Professora do curso de História – Campus Erechim.

O problema dos números e das identidades

Uma primeira questão a ser enfrentada numa análise da historiografia que aborda um grupo imigrante específico é ter claro qual o conjunto populacional que seria objeto desses estudos. A existência de estados territoriais, com limites definidos e língua nacional padronizada, tende a facilitar os estudos sobre imigração, pois aumenta a probabilidade de haver sobreposição entre os registros oficiais de entrada de estrangeiros e as identidades nacionais desses indivíduos, que, nas representações do senso comum, são associadas às identidades étnicas, ainda que essas, como se sabe, são muito mais complexas. E o caso da Polônia é um exemplo muito nítido dessa complexidade. Unificada à Lituânia, tornou-se, no século XVI, a maior e mais rica potência do leste europeu e, no século XVII, após a França, era o segundo maior país da Europa (Anderson, 1995, p. 285, 293), dominando regiões como a Pomerânia e a Ucrânia. Contudo, a poderosa nobreza polaca, a *szlachta*, frustrou a construção de um estado absolutista centralizado, e a Polônia passou a ser, a partir do final do século XVIII, um país cuja partilha resolvia os conflitos de poderosos estados vizinhos, principalmente a Prússia e a Rússia. Essa condição histórica deixa os estudiosos da imigração polonesa dos séculos XIX e XX com a espinhosa tarefa de distinguir entre poloneses, lituanos, pomeranos, ucranianos, rutenos e eslavos, além de sondar, entre os números dos imigrantes alemães, russos e de outros grupos, porcentagens que corresponderiam a imigrantes etnicamente poloneses.

O Quadro 1 nos fornece dados dos Censos Demográficos do século XX, cujos dados sobre “estrangeiros”, de alguma forma, refletem o reforço de correntes migratórias existentes desde o século anterior. A coluna do Rio Grande do Sul, em destaque, mostra que os poloneses mantiveram a quarta posição entre os grupos presentes

no estado na primeira metade do século XX. As primeiras posições cabiam aos alemães, italianos e uruguaios. Para efeitos comparativos, o quadro também fornece os dados para os estados vizinhos, destacando o peso dos poloneses no Paraná, estado brasileiro que recebeu os maiores contingentes de poloneses até a década de 1940, quando passou a ser superado, em termos absolutos de indivíduos, pelo estado de São Paulo.

Na observação de frades capuchinhos haveria, nos primeiros anos do século XX, em torno de 20 mil poloneses, número duas vezes maior que o registrado pelo Censo de 1920, mas considerado pequeno “se compararmos este total com os das colônias⁴ de origem italiana e alemã e mesmo comparados às populosas colônias polonesas de outros Estados do Brasil” (D’Apremont e Gillonnay, 1976, p. 46). Pelo registro das famílias polonesas por localidade onde habitavam, pode-se constatar que a grande maioria dos poloneses instalou-se em povoados de cidades que historicamente são associadas à imigração italiana, o que afeta a visibilidade do grupo por parte da sociedade envolvente.

Outro observador, anterior aos religiosos capuchinhos, foi o Pe. Antoni Cuber, que publicou no *Kalendarz Polski* de 1898, almanaque polonês editado em Porto Alegre, o texto “Nas Margens do Uruguai”, traduzido para o português quase oitenta anos depois. O relato de Cuber, pároco da cidade de Ijuí entre 1896 e 1915, demonstra que a diversidade étnica dos primeiros grupos imigrantes, compostos por “lituanos” e “outros poloneses”, acaba subsumida diante do contato, não sem atritos, com outros grupos étnicos. Esses primeiros imigrantes, que chegaram em 1890, não apenas não encontraram no Brasil a “terra prometida” pelos agentes de imigração, como passaram por frio, miséria e falta de abrigo, que, em várias situações, redundaram em comportamentos que ocasionaram a repressão dos funcionários do governo. Outra situação de exploração estava no fornecimento de víveres a preços exorbitantes por parte de comerciantes, muitos deles alemães. Esse contexto teve influência na

Quadro 1. Estrangeiros procedentes da Polônia e lugar ocupado entre os grupos de estrangeiros do estado.

Chart 1. Foreigners from Poland and place occupied between groups of foreigners in the state.

	Rio Grande do Sul	Santa Catarina	Paraná
1920	10.451 (4º)	3.065 (3º)	16.444 (1º)
1940	11.172 (4º)	2.862 (3º)	14.392 (1º)
1950	9.345 (4º)	2.123 (3º)	12.978 (2º)
1960	4.995 (4º)	673 (4º)	7.080 (5º)

Fonte: IBGE (s.d.).

⁴ Sobre a polissemia do termo “colônia” no sul do Brasil, ver Lima Jr. (1996, p. 55).

construção, de fora para dentro, de representações pejorativas dos poloneses.

Gardolinski (1956, p. 5-8), um dos pioneiros no estudo da imigração polonesa para o Rio Grande do Sul, realiza, na década de 1950, um convincente questionamento dos registros oficiais, que indicariam um número pouco expressivo de poloneses entrados no estado entre 1885-1927 (aproximadamente 24 mil), alinhando vários argumentos: (i) poderiam ser constituídas de poloneses as populações procedentes da Pomerânia e Silésia, regiões anexadas pela Alemanha; (ii) o elevado número de russos das estatísticas oficiais, que não encontram correspondência em manifestações da cultura russa, associado à observação, do próprio Gardolinski, da presença de falantes de ucranianos e rutenos, indicaria a existência de poloneses; (iii) muitos “austríacos” são poloneses procedentes da monarquia austro-húngara. O próprio pai do autor, Marian Gardolinski, veio ao Brasil como funcionário do Consulado Austríaco no Rio de Janeiro e, em 1912, foi enviado ao Paraná para acompanhar levas de agricultores (Gardolinski, 1956, p. 19). A necessidade de se questionar o número de “russos” no Rio Grande do Sul, também é demonstrada pelas pesquisas de Stawinski (1976, p. 27).

Pesquisas mais recentes podem contribuir com as discussões não apenas porque lançam mão de novos documentos, mas também porque situam de modo mais complexo o problema das definições identitárias. Todavia, discussões contemporâneas sobre etnicidade como “atribuição categorial” (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, p. 142), se, por um lado, auxiliam na interpretação do fenômeno, por outro deixam o historiador na incômoda posição de ser árbitro de uma identidade em situações nas quais não é possível interrogar aqueles a quem é atribuída essa identidade. Fenômenos de “*ethnic revival*” (Gans, 1996) por parte de descendentes de gerações posteriores, ao dar ensejo a manifestações, muitas vezes institucionalizadas, de etnicidade, tendem a vir ao encontro dos pesquisadores. Seja com dados de fontes inéditas, seja pela pesquisa de expressões identitárias contemporâneas através da história oral, os novos estudos têm, entretanto, ao afirmar identidades regionais antes subsumidas, tornado mais complexo o que seja “polonês”. Nem alemães, nem poloneses, os descendentes de imigrantes provenientes da antiga Pomerânia que se instalaram no extremo sul do Brasil no século XIX, estão sendo identificados como “pomeranos” (Weber e Bosenbecker, 2010).

“Rutenos” ou “ucranianos” são as denominações de Guérios (2008) para os imigrantes que se instalaram em Prudentópolis, no Paraná, no final do século XIX, originários da Galitzia, área de disputa entre o Império Austro-Húngaro e o Império Russo. Ainda que, em vários dos estudos mencionados acima, a Galitzia apareça como

região de procedência de imigrantes “poloneses”, o grupo estudado por Guérios tem marcas corporificadas de uma memória “ucraniana”: praça com estátua de poeta nacionalista ucraniano, igrejas com rito católico oriental e cúpulas bizantinas, documentos redigidos em ucraniano. Guérios retoma a diferenciação de classe com recorte étnico posta por historiadores: enquanto os nobres falavam a língua polonesa e professavam o rito latino da Igreja Católica Romana, os estratos dominados mantinham a língua de origem e filiação à Igreja Ortodoxa, o que deu origem, no século XVIII, à denominação “rutenos” para identificar esses servos. Gardolinski (1956, p. 6, 18), utilizando igualmente um critério religioso, identifica rutenos como poloneses ou como “um grupo étnico à parte”. Em suma, para pesquisas de recorte histórico, a definição étnica, em termos quantitativos, raramente é possível, pois faltam dados que permitam quantificações.

O quão difícil se torna o trabalho do historiador que precisa lidar tanto com um instável quadro geopolítico da sociedade de origem quanto com as reformulações identitárias na sociedade de acolhida, é demonstrado pelo estudo de Fortes (2004) sobre um bairro operário de Porto Alegre no período Vargas, reconhecido pela concentração de poloneses e no qual estava localizada a denominada “Igreja dos Poloneses” (Nievinski Filho, 2002, p. 89). As dificuldades do pesquisador aparecem na própria opção pelos termos que identificam os personagens estudados. Evitando tanto a identificação dos registros oficiais, que operavam com o critério da nacionalidade definida, sobretudo pelo passaporte, quanto a exo-atribuição de “polacos”, termo homogeneizante que simplificava, aos olhos exteriores, um quadro multiétnico cuja diversidade era de difícil apreensão, Fortes (2004, p. 127) busca resgatar como os próprios imigrantes viam a si próprios. Se, por um lado, uma parcela desses operários denominados “polacos” efetivamente era constituída por indivíduos que se identificavam como “poloneses”, por outro lado os registros de duas associações compostas por ucranianos e bielorrussos, que existiram durante as décadas 1930 e 1940, mostram que se tratavam de imigrantes provenientes das porções ocidentais da Galitzia e Bielo-Rússia, dominadas pela Polônia, que, não apenas não se identificavam como “poloneses”, como a condição operária e a maior autonomia das regiões orientais, que ficaram sob domínio russo, os predispunha a simpatias com a União Soviética (Fortes, 2004, p. 156-158).

Essas pesquisas contemporâneas têm, portanto, comprovado as modernas teorias sobre identidade étnica, que afirmam que as representações identitárias estão sujeitas a constantes reelaborações e que tanto as características e motivações internas do grupo, quanto o contexto envolvente atuam como fatores dessas formulações.

Instituições, líderes e publicações

O foco deste artigo são as produções textuais de cunho mais acadêmico produzidas por descendentes de imigrantes e, portanto, já não direcionadas, prioritariamente, para seu próprio grupo de origem. Entretanto, publicações anteriores e as instituições no âmbito das quais tais relatos memorialísticos emergiram influenciam a produção posterior porque produzem preciosas fontes de pesquisa, principalmente se o pesquisador domina a língua na qual estão escritas, e constituem a base cultural sobre a qual se assenta o trabalho dos estudiosos contemporâneos. Nesse sentido, as breves descrições que seguem pretendem situar o leitor num quadro aproximado de instituições e publicações, tendo como pressuposto que as comunidades emigradas, ao ocuparem-se de organizar seus membros, permitem a projeção de líderes e constituem um espaço intelectual para descendentes de imigrantes e imigrantes de levadas posteriores.

Já nas primeiras décadas de sua presença no Rio Grande do Sul, os poloneses deram origem a publicações direcionadas para seu próprio grupo⁵. O mais antigo almanaque polonês foi o *Kalendarz Polski*, que teve uma edição em 1896 e outra em 1898, editado pelos fundadores da primeira associação de poloneses em Porto Alegre, a “Zgoda” (“Concórdia”), que, pelo amálgama com outras duas associações, a Água Branca e a Tadeusz Kosciuszko⁶, deu origem, em 1931, à Sociedade Polônia, que é, até hoje, a principal sociedade da comunidade polonesa na cidade. Outra entidade, *Kultura*, com finalidades essencialmente culturais, foi fundada em 1928 por um livre-pensador de “origem tcheca, mas polonês por adoção”. Paralelamente, surgiu uma Associação de Trabalhadores, a *Naprzód* (Avante), em 1905. É digno de nota que Porto Alegre tenha sido a sede de uma espécie de Federação das Associações Polonesas, que abrangia o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Malczewski (2007) menciona também, para Porto Alegre, o *Echo polskie* (Eco Polonês) e o *Sportowiec* (O desportista), publicados no final da década de 1920, e o jornal quinzenal *Odrodzenie* (Renascimento), a publicação *Polonia* (Comunidade polônica), além de boletins informativos, editados na década de 1930. No contexto multiétnico da capital do estado, na primeira metade do século XX, os poloneses, de modo semelhante a outros grupos étnicos, noticiavam suas festividades no principal periódico regional, extrapolando, portanto, seu

próprio grupo em termos de reconhecimento (Weber, 2008).

Os imigrantes que chegaram à cidade portuária de Rio Grande em 1890 fundaram, em 1896, a Sociedade Recreativa e Beneficente “Água Branca”, que manteve, até 1924, uma escola. No início do século XX vieram trabalhadores têxteis e mecânicos, logo absorvidos pelo mercado de trabalho local. Com a melhoria das condições econômicas, os imigrantes puderam “expandir-se intelectualmente”, lançando em 1905 o periódico “Avante” (*Naprzód*), considerado o primeiro jornal em língua polonesa editado no Rio Grande do Sul.

Em Ijuí, o Pe. Cuber, além de organizador da capela e da escola polonesas, colaborou na edição de dois jornais, o *Kolonista* (1909-1910) e o *Kolonista Polski* (1914-1915). O relato do religioso nos permite saber que representantes da Polônia visitaram a localidade e incentivaram a fundação, em 1896, de uma associação cultural denominada Tadeusz Kosciuszko (Cuber, 1975). Muitos dos poloneses da região de Ijuí se deslocaram para Guarani das Missões, próximo à fronteira com a Argentina, para onde o Pe. Cuber recomendava que todos os poloneses migrassem. Em Guarani, um professor de Química, que ali chegou em 1916, fundou e dirigiu uma orquestra e também o jornal *Tygodnik Zwiazkowy*, órgão da União Nacional Polonesa na América do Sul, que lutava pela independência da Polônia (Wachowicz e Malczewski, 2000, p. 146). A partir de Guarani, os poloneses emigraram para a Província de Missiones, na Argentina, durante a revolução de Prestes na década de vinte⁷. Buscando congregar todas essas colônias, houve esforços no sentido de articular as sociedades de Missiones, Guarani e Ijuí (Gardolinski, 1956, p. 84). Em Guarani, assim como em vários outros núcleos de instalação de imigrantes poloneses, foram fundadas igrejas e associações que levam o nome de uma santa polonesa, a Nossa Senhora de Monte Claro⁸, o que revela uma simbologia étnica reforçada pelo sagrado.

Segundo relatos de velhos poloneses colhidos por Gardolinski (1956, p. 48), os imigrantes que se instalaram a partir de 1890 nas áreas já ocupadas por italianos, conhecida como “região serrana”, não teriam se adaptado ao relevo acidentado particularmente porque estavam habituados às planícies, propícias ao cultivo do trigo, e também porque, acostumados a viver em aldeias densamente povoadas, não se acostumavam à dispersão das terras montanhosas. Esses migrantes, a quem Gardolinski referiu-se como

⁵ As informações que seguem, sobre as cidades de Porto Alegre e de Rio Grande, foram retiradas de Gardolinski (1956), Wachowicz e Malczewski (2000) e Stawinski (1976).

⁶ Tadeusz Kosciuszko, que dá nome a inúmeras entidades de imigrantes poloneses, foi um revolucionário que liderou a primeira insurreição armada dos poloneses contra o regime de ocupação e, banido pelos russos, engajou-se na América à luta pela independência dos Estados Unidos (Gardolinski, 1956, p. 66).

⁷ Uma corrente migratória agrícola se instalou em Missiones a partir de 1897 (Pyzik, 1944, p. 278, 321).

⁸ Em um convento da cidade de Czestochowa, sobre o Monte Claro, existe uma imagem de Nossa Senhora, de autor desconhecido, que se tornou famosa pelos seus milagres. No ano de 1656 foi escolhida como “Rainha da Coroa Polonesa” (Gardolinski, 1956, p. 92).

“retirantes”, compõem parte do conjunto de poloneses que se instalou na região de Erechim a partir da segunda década do século XX. Como é visto abaixo, uma das hipóteses deste artigo é que esse êxodo para o norte do Estado por parte das primeiras levas de imigrantes poloneses influenciou a historiografia da imigração polonesa.

Antes de analisar a produção de cunho mais acadêmico, é preciso situar os primeiros autores que buscaram dar uma visão de conjunto da imigração polonesa para o Rio Grande do Sul. Gardolinski, que nasceu no Paraná e instalou-se em Porto Alegre em 1941 como responsável pela construção da vila operária do IAPI, em seu texto de 1956 que ainda é um referencial aos estudiosos do tema, enfatizou que não é “escritor ou historiador, mas simplesmente engenheiro civil” (Gardolinski, 1956, p. 103). Algumas interpretações consolidadas na historiografia da imigração polonesa, como o papel motivador da imigração para o Brasil do fenômeno denominado “febre imigratória brasileira” na última década do século XIX na Polônia (Gardolinski, 1956, p. 16), estão nas páginas deste longo artigo⁹. Com uma profícua atividade intelectual, à qual não faltava método de referenciamento de informações, Gardolinski, que faleceu precocemente em 1974, em meio aos preparativos do centenário da imigração polonesa no Rio Grande do Sul por ele coordenados, é descrito no relato histórico e memorialístico de Stawinski (1976, p. 220) como o grande líder da “colônia polonesa rio-grandense”:

A mansão do Eng° Edmundo Gardolinski transformara-se numa espécie de quartel general dos poloneses. Embora não tivesse nomeação oficial, contudo, era considerado como que embaixador, cônsul, representante da colônia polonesa, líder, factótum, centro de atração e irradiação de tudo que se relacionasse com o tema: “polonidade”.

Também em 1956 foi escrito o texto original em polonês de *Nos Peraus do Rio das Antas* (Wonsowski, 1976), um relato memorialístico de um núcleo de poloneses no atual município de Veranópolis, de autoria do religioso capuchinho João Wonsowski, que, entretanto, só atingiu um público mais amplo quando foi traduzido vinte anos depois, com comentários e acréscimos, por Stawinski.

Em 1971 é publicado, na revista *Estudos Leopoldenses*, editada pela Unisinos, o estudo de Libia Wendling sobre os imigrantes poloneses que se instalaram em Guaraní das Missões. Trata-se de uma pesquisa com fontes documentais e orais que recolhe dados sobre práticas culturais reconhecidas como sendo “polonesas” e quase sempre designadas por um termo da língua polonesa,

e modos de demarcar fronteiras étnicas, especialmente porque avançam as zonas de contato dos descendentes de poloneses e outros grupos. Em termos de método, este texto descritivo se distancia das produções acadêmicas contemporâneas, pois se mantém muito próximo ao relato dos entrevistados e muitos dados são apresentados sem que se tenha claro como foram colhidos.

No início da década de 1970 são publicados, em Curitiba, os *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa (1970-1977)* que são citados em *Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul*. A densa obra deste religioso capuchinho, escritor e historiador que foi Alberto Stawinski, na qual relatos memorialísticos são justapostos a análises que seguem um padrão acadêmico, norteou algumas pesquisas posteriores. A trajetória de Stawinski sempre foi dividida entre “atividades apostólicas e culturais”, tendo ocupado cargos de docente, diretor de escola e reitor em várias cidades. A partir de 1971 tornou-se diretor do Instituto Histórico dos Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul (Stawinski, 1976, p. 7).

A produção acadêmica recente sobre a imigração polonesa, quando comparada aos estudos sobre outros grupos imigrantes, particularmente alemães e italianos, é numericamente menor mesmo no estado do Paraná, que recebeu grandes contingentes de poloneses (Oliveira, 2009). Analisar interpretações baseadas neste fator quantitativo é um dos enfoques deste artigo. No Paraná, após os precursores estudos Ianni (1966), da vertente sociológica da USP do final da década de 1950, e dos importantes estudos de Wachowicz, o primeiro grande historiador acadêmico descendente de poloneses, desde a década de 1970, que são referência para os historiadores riograndenses da imigração polonesa, temos, mais recentemente, novas pesquisas, em sua maioria desenvolvidas no âmbito da Universidade Federal do Paraná. É de se notar a ausência de um artigo específico sobre a imigração polonesa na fundamental obra de Boris Fausto, *Fazer a América*, em que pesem os dados citados por Klein (2000, p. 26) nessa coletânea. Simpósios e congressos sobre esse assunto são também, comparativamente a estudos sobre outros grupos, mais recentes ou menos frequentes. A revista *Projeções*, dedicada aos “estudos polono-brasileiros” e editada em Curitiba, teve sua primeira edição no final da década de 1990.

No caso do Rio Grande do Sul, a produção acadêmica e outros estudos monográficos são de autores oriundos da região de colonização mais recente, a área que correspondia ao antigo município de Erechim, e é ali também que se localiza a sede de uma instituição universitária com iniciativas voltadas aos descendentes de imigrantes

⁹ A expressão “febre imigratória brasileira” foi cunhada por intelectuais nacionalistas poloneses no fim do século XIX, segundo fontes consultadas por Wachowicz (1974, p. 112).

poloneses e na qual trabalham ou trabalharam vários estudiosos da imigração polonesa, a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Em Erechim há uma sede do Consulado Honorário da República da Polônia desde 1998. A menção à imigração polonesa é inevitável em estudos sobre histórias regionais, como os de Cassol (1979) e Marmilicz (1998); entretanto, a primeira pesquisa genuinamente acadêmica, que recolheu relatos sobre a chegada dos colonos pioneiros na primeira década do século XX, foi realizada por um pesquisador externo como um trabalho de campo antropológico sobre a reação de agricultores à construção de uma barragem para aproveitamento hidrelétrico da Bacia do Rio Uruguai, o que acarretaria desapropriação de terras (Lima Jr, 1996). Dos estudos realizados por pesquisadores oriundos da região, o trabalho acadêmico veterano é de Bernardete Popoaski, que se doutorou em 1998 em uma instituição universitária da Polônia, a Universidade Jagelônica da Cracóvia, com pesquisa na área de Pedagogia sobre a arte da emigração polonesa no Brasil, que ainda não foi traduzida.

No início deste século, ampliam-se os estudos sobre a imigração polonesa, alguns deles motivados pelo Simpósio Internacional da Etnia Polonesa no Brasil, realizado na URI em 2001 (Malczewski, 2002). Dessa produção mais recente, destacam-se uma dissertação e duas teses de doutorado defendidas na Universidade de Passo Fundo (UPF) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Sul (PUCRS) entre 2002 e 2007. A tese de doutoramento de Isabel Gritti, concluída em 2002 na PUCRS, é um estudo de imigração no sentido clássico do termo com todos os elementos das modernas teses de cursos de pós-graduação. Acompanhando métodos que se tornaram mais familiares aos historiadores, Gritti utiliza fontes, como os processos-crime, que até então pouco haviam sido utilizadas na pesquisa da imigração polonesa no sul do país. Tanto a tese, quanto o texto de apresentação da mesma, cujo autor observa o fato de Gritti não ter procedência na corrente imigratória polonesa (Gritti, 2004, p. 8), receberam uma contundente crítica de Malczewski. É visível o aspecto de luta pelo “monopólio da autoridade científica” (Bourdieu, 1983, p. 122) presente na argumentação de Malczewski (2007); entretanto, várias de suas argumentações, como a lembrança do autor de que os poloneses eram alvo de um preconceito (tema da tese) que se dirigia a todos os grupos imigrantes, estimulam reflexões.

A dissertação de Wenczenovicz, por sua vez, privilegia a região das novas colônias que se instalaram na região de Erechim, analisando um núcleo específico, a localidade de Áurea, que, emancipando-se de Gaurama, tornou-se município em 1988, com uma população cuja presença de poloneses é estimada em 90% (Wenczenovicz, 2002, p. 19). O recorte do estudo é o período de 1910-1945 e, utilizando tanto depoimentos orais como documentos oficiais e religiosos, a autora busca resgatar as manifestações desse núcleo colonial no que tange à identidade, à educação, à posse da terra e à saúde física e mental. Em sua tese, Wenczenovicz mantém o mesmo recorte temporal e espacial e propõe “um debate acerca dos processos geradores das doenças e da morte no processo de Colonização e Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul, analisando as práticas de saúde, doença e cura como um espaço de interessante valor histórico” (Wenczenovicz, 2007, p. 15). A tese, que se ancora em referenciais da “nova história”, utiliza como fontes documentos paroquiais (livro-tombo, livro de óbitos, livro de registros de batizados), observações em lajes fúnebres, textos memorialísticos e obras de historiografia local. A autora descreve práticas e representações próprias de comunidades rurais, ou, mais especificamente, práticas de comunidades rurais católicas permeadas de sinais da cultura polonesa, como recitação de orações em polonês no momento do enterro (Wenczenovicz, 2007, p. 227).

“Prima pobre de uma família cada vez mais rica” (Maestri, 2002, p. 10), “atraso das investigações” (Wenczenovicz, 2007, p. 17), “escassez de bibliografia” (Gritti, 2004, p. 13) são termos presentes na historiografia contemporânea da imigração polonesa para o Rio Grande do Sul, inevitavelmente comparada aos estudos sobre a imigração italiana e alemã. Tal enquadramento tem paralelos na visão da própria corrente imigratória polonesa, que destaca, por observação quase sempre comparativa, a presença do catolicismo¹⁰, a vocação agrícola¹¹ e o peso do preconceito¹². Sem negar o papel de tais fatores, pretende-se relativizá-los e sugerir enfoques alternativos, sempre considerando os encontros interétnicos que se processaram no sul do Brasil.

Preliminarmente, é preciso observar que, tanto quanto o senso-comum, a visão intelectual é impregnada de uma excessiva valorização do “nacional”. O processo que levou ao obscurecimento das identidades regionais que caracterizavam as primeiras levas de imigrantes é

¹⁰ Para Gardolinski (1956, p. 107), os poloneses “intimamente ligados à sua religião, subordinam-se docilmente à autoridade eclesiástica”, comportamento ao qual o autor atribui um viés positivo, pois predispõe à recepção da ação do clero. Wachowicz (1974, p. 136, 164) tem uma visão mais mediatizada, destacando a função social da Igreja, tanto na Europa, onde era uma das instituições que sofrera menor influência da ocupação estrangeira quanto junto aos imigrantes, cuja resultante foi uma equação entre fé e “polonidade”.

¹¹ Encontramos em Wachowicz (1974, p. 112, 202) interpretações que se tornaram recorrentes: emigrava somente o povo miúdo, formado por camponeses (95%) com consciência nacionalista pouco desenvolvida.

¹² Desde os estudos de Ianni, na década 1960, o tema do preconceito com relação aos poloneses no sul do Brasil recebeu uma abordagem acadêmica, sendo central nas teses de Wachowicz (1974) e Gritti (2004).

decorrente do potencial das nações como gestoras e afirmadoras de identidades nas sociedades contemporâneas. A “representação trinária” da imigração europeia para o Rio Grande do Sul (Weber, 2002), que postula que existiram três grandes correntes, alemãs, italianas e polonesas, é uma imagem que também opera com o recorte nacional e deve-se não apenas aos registros oficiais, mas ao olhar externo aos grupos imigrantes, que, como toda visão externa, tende a simplificar a complexidade. Não se trata de negar que essas sejam correntes majoritárias, mas argumenta-se que o engessamento dessa visão obscurece especificidades e direciona interpretações. Alexandre Fortes (2004, p. 127), que realiza um minucioso trabalho de pesquisa para demonstrar a heterogeneidade étnica daqueles vistos, de fora, como “polacos”, tende a incorporar a visão usual de “alemães” e “italianos” como grupos homogêneos.

Por sua influência na produção historiográfica, são analisados a seguir: (i) os efeitos da tardia instalação dos imigrantes poloneses em áreas específicas, que, por sua vez, retardou o aparecimento de uma camada de empresários urbanos oriundos dos grupos imigrantes poloneses e (ii) de uma camada de intelectuais de classe média de ascendência polonesa; (iii) as dificuldades do governo polonês, exilado fora de seu país, para amparar as comunidades polonesas emigradas e (iv) as opções identitárias dos judeus-poloneses étnicos.

Visão em perspectiva da historiografia da imigração polonesa

O fato bastante enfatizado pela historiografia de que os poloneses chegaram após outros grupos de imigrantes deve ser analisado não apenas pela má qualidade das terras que lhes foram destinadas ou que lhes restaram, mas também pela constatação de que postos-chave da pequena economia local, como intermediários comerciais e pequenos fabricantes, já estavam em mãos de outros grupos. Wonsowski (1976, p. 10, 23), um dos primeiros a descrever a situação dos poloneses que se instalaram nas áreas já ocupadas por italianos, queixava-se de que esses ficaram com lotes rurais na altiplanura, ao passo que aqueles foram morar à beira do rio, o que teria favorecido os italianos a se tornarem os intermediários comerciais. A prosperidade agrícola da colônia São Marcos teria despertado o interesse de italianos de localidades vizinhas, os

quais se instalaram em “San Marco dei Polacchi” com casas comerciais, serraria e moinho (Stawinski, 1976, p. 118). Os poloneses, numa estratégia que pode ser considerada “lógica” do ponto de vista econômico, buscaram na re-emigração um modo de se instalarem como “senhores” de um espaço, além de resolverem o problema da falta de lotes para os numerosos filhos que estavam se tornando adultos.

Por outro lado, esses contínuos deslocamentos em busca de melhores espaços, que culminaram na marcha para o norte, descrita de modo vívido por Stawinski (1976, p. 123), ele próprio participante, em 1915, da “longa caminhada” rumo à “Nova Polônia”¹³, acarretaram um adiamento da constituição de núcleos urbanos e de estabelecimentos empresariais, particularmente industriais. Não apenas os espaços agrícolas precisaram ser refeitos, mas as escolas e capelas deixadas para trás. Tomando por referência a evolução colonial descrita por Singer (1968, p. 159), era necessário ultrapassar a fase de desmatamento e agricultura de subsistência para atingir a expansão agrícola que permitiria a posterior especialização tendo em vista a comercialização.

Quanto aos estabelecimentos industriais, é difícil não olhar os imigrantes poloneses à luz das realizações da imigração “alemã”, que, desde XIX, já havia dado origens a “dinastias” de industriais (Singer, 1968, p. 165). Se observarmos os núcleos de poloneses, ao lado das atividades agrícolas predominantes, sempre aparecem atividades manufatureiras, como em Erechim, onde após alguns anos da chegada dos imigrantes, já existiam artesãos, comerciantes e pequenos fabricantes, principalmente moageiros, poloneses (Gardolinski, 1956, p. 67). Estabelecimentos industriais de maior porte, contudo, eram mais raros¹⁴. O que os casos alemão e – num momento posterior – italiano nos sugerem é que a concentração de empreendimentos com caráter étnico em áreas urbanas, seja pela inserção de imigrantes que se direcionam diretamente às cidades, seja pela criação de estabelecimentos comerciais e industriais por descendentes de imigrantes, teve um papel importante na projeção desses grupos étnicos¹⁵. Cotejado com esse quadro, os engenhos artesanais de Antônio Warpechowski para extração de óleo de linhaça e soja na década de 1930 (Wendling, 1971, p. 12) que, com a contribuição tecnológica do professor universitário e cientista Ceslau Biezanko, redundaram na pioneira industrialização do óleo de soja na região das Missões, aparecem como um caso quase isolado entre os poloneses.

Não se trata aqui de valorizar o urbano em detrimento do rural. Parte-se do pressuposto de que a

¹³ *Nova Polônia* foi a denominação que recebeu o povoado de Rio do Peixe quando tornou-se distrito de Erechim, na década de 1930. Durante a campanha da nacionalização, o local recebeu a denominação atual, Carlos Gomes (Stawinski, 1976, p. 142).

¹⁴ Gardolinski (1956, p. 109) destaca uma fábrica de compensados em Pelotas e uma fábrica de calçados em Porto Alegre.

¹⁵ Para o caso italiano, ver o instigante estudo de Cappellin e Giuliani (2010, p. 57), que observam uma combinação alquímica entre o mercado e a tradição através da qual patrimônios acumulados por italianos expressam uma dimensão da “italianidade”.

promoção de identidades étnicas para além do próprio grupo depende, via de regra, de camadas urbanas intelectualizadas, e se o processo de urbanização dos núcleos ocupados por imigrantes poloneses foi mais tardio, quando comparado aos casos alemão e italiano, pode-se deduzir que também foi posterior o surgimento de intelectuais laicos ou religiosos empenhados na liderança de seu grupo étnico. Nesta análise, o termo “intelectual” refere-se a “mediadores culturais” responsáveis pela “consagração de estilos de vida, práticas sociais e valores culturais empreendida dentro de diferentes esferas, como a intelectual, a acadêmico-científica, a artística, a político-burocrática e a religiosa” (Seidl, 2007, p. 78).

A divulgação de imagens que associam um determinado município com alguma corrente migratória predominante, fenômeno comum no Rio Grande do Sul, catalisado nas últimas décadas por interesses turísticos, depende de ações de “agentes” que se movem conforme seus “interesses” em ações que, portanto, não são neutras, “pois toda realização pressupõe necessariamente uma série de interesses (os mais diversos) em jogo” (Ortiz, 1983, p. 22). A elevação à categoria de municípios de núcleos de povoamento com forte concentração de poloneses é relativamente recente. Áurea emancipou-se em 1988, e Carlos Gomes, em 1992. Mesmo que nem todos os que escrevem sobre esses povoados estão dispostos a atuar como líderes comunitários, as publicações de historiadores diletantes e os textos acadêmicos têm o comum o fato de afirmar a existência de um dado grupo étnico para a sociedade envolvente, constituindo, a própria presença de intelectuais étnicos, um indicativo da formação de um extrato de classe média de determinado grupo. Gans (1996, p. 430) afirma que étnicos, particularmente católicos, ascenderam à classe média americana e passaram a ser noticiados pelos meios de comunicação, adquirindo uma visibilidade para a qual também contribui a florescente cultura impressa de intelectuais étnicos que ingressaram na academia. A tardia presença de intelectuais (jornalistas, escritores, professores universitários) de origem polonesa já foi apontada como explicação para a menor produção textual sobre esse grupo étnico (Weber, 2009).

Nesse sentido, é necessário rever a interpretação de Gritti (2004, p. 60, 69) de que a explicação de Wachowicz (1974, p. 12, 207), que associa o preconceito com relação ao polonês no Paraná à aceleração da urbanização, não se aplicaria ao caso do Rio Grande do Sul, no qual os veiculadores de ideias negativas sobre os imigrantes poloneses foram os administradores dos núcleos coloniais. Ainda que Wachowicz atribua um papel muito pequeno às lideranças leigas, retoma-se sua constatação de que com o surgimento de grupos intelectuais leigos e eclesiásticos, no início do século XX, e a abertura do Consulado Polonês

em Curitiba, em 1920, a situação começa a mudar para melhor (Wachowicz, 1974, p. 208). Com base na teoria da etnicidade, o que está sendo sugerido é que, se os rótulos étnicos são sempre resultados de forças externas, que costumam veicular imagens negativas, e forças internas, que propõem imagens positivas (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, p. 147), para se contrapor a imagens construídas por administradores coloniais (personagens urbanos, destaque-se) era necessário que existissem camadas interessadas em divulgar imagens positivadas do grupo social ao qual pertencem.

Gardolinski (1956, p. 11-12) lamentava que houvesse poucos membros das “classes intelectuais” polonesas entre os imigrantes, formados, em sua maior parte, por pessoas que vinham “em busca de pão, e melhores condições de vida”. O autor também justificou a ausência de publicações para a comunidade emigrada nas primeiras décadas do século XX em Porto Alegre ao fato de que “a totalidade dos imigrantes letrados ou cultos, naquela época, preferia o Paraná, onde se radicava, de preferência em Curitiba” (Gardolinski, 1956, p. 101). Como vimos acima, da década de 1940 até seu falecimento na década de 1970, Gardolinski foi o aglutinador dos imigrantes poloneses e seus descendentes em Porto Alegre, sendo visto por eles e pela sociedade maior como porta-voz desse grupo étnico. Em Pelotas, Biezanko, juntamente com sua esposa, uma cantora lírica, formavam “um casal representativo pelos seus dotes culturais e sociais” (Gardolinski, 1956, p. 33). Havia outros intelectuais poloneses que assumiram posições mais políticas, como o escritor e jornalista João Krawczyk, que se apresentou como voluntário para lutar a favor da Polônia durante a Segunda Guerra Mundial (Wachowicz e Malczewski, 2000, p. 205).

Em uma análise em perspectiva, deve-se observar alguns fatores que promoveram a extensa produção bibliográfica sobre a imigração alemã e italiana, que serve de contraponto para a avaliação da produção sobre os poloneses. Estudos recentes associam aquelas obras a uma historiografia escrita por intelectuais de origem religiosa interessados em manter influência sobre tais comunidades imigrantes das quais eram oriundos (Seidl, 2007). Há que destacar o papel da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes (EST) e da Universidade de Caxias do Sul na promoção e divulgação de estudos sobre imigração italiana. Mesmo que religiosos poloneses tenham escrito sobre os imigrantes de seu grupo, não estavam vinculados a congregações polono-brasileiras com recursos que permitissem uma produção editorial para um público mais amplo, pelo menos não no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. A situação é diferente no Paraná, onde padres da Congregação de São Vicente de Paulo, que chegaram no Paraná em 1903 oriundos da Cracóvia

(Wachowicz, 1974, p. 161), deram origem, décadas depois, à Gráfica Vicentina e Editora, que tem editado livros sobre a imigração polonesa no Paraná e, no final da década de 1990, foi responsável pela impressão de *Projeções*, “Revista de estudos polono-brasileiros”.

No Rio Grande do Sul, foi a própria EST que editou, no contexto do Centenário da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul, a Coleção Imigração Polonesa, na qual foram publicados, em 1976, os livros de Stawinski, Wonsowski e, postumamente, “*Escolas da colonização polonesa no Rio Grande do Sul*”, de Gardolinski (1976). Alguns anos antes, em 1972, em um evento científico promovido pela Universidade de Caxias do Sul, realizou-se um debate sobre “A imigração polonesa e sua contribuição à cultura brasileira”, no qual Gardolinski dissertou “à luz de documentos históricos e de fatos recolhidos e comprovados pessoalmente” (Stawinski, 1976, p. 145)¹⁶. Uma recente produção literária tem, justamente, se proposto a dar mais visibilidade à imigração polonesa no Rio Grande do Sul, com a justificativa da autora, Letícia Wierzchowski, de que muito pouco é conhecido desse grupo, que corresponde à “terceira maior parcela colonizadora do sul do Brasil” (in Weber, 2009, p. 38). Como vimos, só recentemente ocorre a concentração de intelectuais, descendentes de imigrantes poloneses ou não, voltados à pesquisa dessa corrente imigratória em um núcleo universitário. Pesquisas mais recentes, contudo, precisam enfrentar os desafios dos tempos “multiculturais”, que desconfiam de identidades homogêneas e apontam sempre para a complexidade das identidades, o que, no caso dos poloneses, significa não ignorar lituanos, ucranianos, judeus, rutenos.

Em suma, desde o início da imigração sempre existiram intelectuais, laicos ou religiosos entre as levas de imigrantes poloneses que se instalaram no Rio Grande do Sul. No contexto interétnico da nova terra é que eles vão acabar parecendo “poucos”, particularmente porque adquirem menos visibilidade para fora do grupo. O esforço comparativo deste artigo visa a explicar os diferentes desdobramentos das comunidades emigradas, que não deixam de influenciar-se mutuamente, sem necessariamente endossar a ideia de “falta” de um centro universitário (Maestri, 2002, p. 10). Operando com a noção de “campo” de Bourdieu, podemos supor que tais investimentos só aparecem quando há um grupo de pessoas interessadas em um capital cultural “que irá posteriormente assegurar-lhe uma posição dominante no campo dos pesquisadores científicos” (Ortiz, 1983, p. 22).

A influência do Estado de origem na promoção econômica e nas manifestações culturais das (e sobre as) comunidades emigradas é o terceiro fator analisado neste tópico, e, nesse sentido, precisamos ver o que ocorria com a representação política de um país com soberania fragilizada. Os acontecimentos da história contemporânea da Polônia tiveram efeitos sobre a comunidade emigrada, que, particularmente nas primeiras gerações, assumia posições políticas com relação aos acontecimentos europeus.

As conhecidas três partilhas da Polónia no século XVIII (1772, 1792 e 1795), sempre resolvendo os *imbróglis* diplomáticos da Rússia, Prússia e Áustria, legaram aos imigrantes, além dos problemas de perda da nacionalidade polonesa em consequência da perda de territórios, importantes marcos de memória, tais como: as comemorações da Constituição de 1791 (Weber, 2008, p. 246) e a veneração do líder da insurreição nacionalista e liberal de 1794, Kosciuzko, após a segunda partilha. O ataque contrarrevolucionário levou praticamente ao desaparecimento da Polónia, após a terceira partilha (Anderson, 1995, p. 297). Em 1918, no contexto da Primeira Guerra Mundial, após a desagregação do Império Austríaco e da Revolução Alemã, foi proclamada a independência do país. Em 1919 é eleito um chefe de Estado, cujo nome também serviria de marco de memória para os imigrantes no sul do Brasil, Pilsudski¹⁷. Em 1939, após a invasão do exército alemão, o território polonês é mais uma vez dividido entre Alemanha e Rússia, levando o governo polonês ao exílio, primeiro na França e depois no Reino Unido. Após a “libertação” da Polónia pelas tropas soviéticas, inicia-se o período da tutela da URSS.

As grandes levas de imigrantes vieram ao Brasil, como vimos, no século XIX, quando a Polónia ainda estava sob dominação estrangeira iniciada no século anterior, mas novos imigrantes continuaram a chegar nas décadas seguintes, e os acontecimentos da conturbada história do país no século XX movimentaram os polono-brasileiros. Uma notável ação desses imigrantes, transformada em romance histórico por Wierzchowski (2006), foi o retorno à Europa para lutar a favor da pátria usurpada¹⁸.

A instabilidade política da Polónia deixa também instável a representação estatal no estrangeiro. No início da II Guerra Mundial, funcionava um consulado polonês em Porto Alegre, ao qual se apresentavam os voluntários para se engajar na guerra a favor dos aliados. No final do ano de 1945, o governo estadual recebeu do Ministro do Exterior um telegrama segundo o qual “os interesses dos Poloneses

¹⁶ Assim como no Rio Grande do Sul, durante a década de 1970, ocorreram eventos que reuniram pesquisadores das imigrações alemã e italiana, cujos colóquios foram publicados em “*Anais*”, também, no Paraná, entidades ligadas aos “poloneses” editaram, ainda em 1970, os primeiros *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*.

¹⁷ Ver a notícia da sessão solene em homenagem ao aniversário de falecimento do marechal Pilsudski na sede da Sociedade Polónia de Porto Alegre no *Correio do Povo* (10/05/1951, n. 179, p. 6).

¹⁸ Também durante a Primeira Guerra Mundial houve recrutamento de voluntários (Nievinski Filho, 2002, p. 90).

no Rio Grande do Sul passavam a ser confiados ao Consulado da França” e, em 1949, novo telegrama informava a posse, em Curitiba, do cônsul da Polônia com jurisdição nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso¹⁹. O governo exilado em Londres era referência para muitos líderes poloneses, como é o caso de Jan Rain, um dos fundadores da sociedade Kultura, em 1928, que sempre defendeu a independência da Polônia (Wachowicz e Malczewski, 2000, p. 316). A Sociedade Polônia vendeu um imóvel para auxiliar financeiramente o governo polonês sediado em Londres (Nievinski Filho, 2002, p. 90). Mesmo que esse governo no exílio tenha exercido um papel simbólico ante a comunidade emigrada, do que é exemplo a condecoração, com a “Grande Cruz do Mérito”, de Helena Lesinski, por suas campanhas em prol dos imigrantes poloneses em Porto Alegre, a ausência de representantes consulares certamente privava a comunidade emigrada de um suporte importante, como menciona Gardolinski (1956, p. 102, 108).

A contra-face da fidelidade ao governo no exílio era a recusa em reconhecer os agentes consulares que representavam a Polônia sob domínio russo. As entidades polonesas rio-grandenses, que comemoravam coletivamente festas cívicas, também se manifestaram contra o caráter soviético da nova embaixada da Polônia no Brasil. Sob a manchete “Os poloneses aplaudem a atitude do governo brasileiro”, é noticiado, em 1951, que cinco associações divulgaram um manifesto conjunto apoiando as medidas preventivas do governo brasileiro com relação à embaixada da Polônia, acusada de obedecer às ordens de Moscou, e afirmando que o governo legal da Polônia está situado em Londres²⁰. Os líderes da comunidade polonesa local buscavam preencher esse vazio da representação do seu país de origem, mas esbarravam na burocracia brasileira. Uma solicitação da Sociedade Polônia ao governador do estado, para que a mesma representasse a colônia polonesa junto às Repartições Públicas, recebeu a resposta de que a demanda deveria ser dirigida ao Ministério das Relações Exteriores²¹.

Certamente, essas dificuldades dos velhos líderes das entidades polonesas de se fazerem reconhecer pelas autoridades da sociedade de acolhida, foi um fator que abriu espaço para a projeção de Gardolinski, como líder dos poloneses no Rio Grande Sul, uma espécie de “cônsul”, como o denominou Stawinski, pois, como afirma Núñez Seixas (2006, p. 26), a aprovação da sociedade majoritária tem influência na definição das lideranças dos grupos adventícios. O pai do engenheiro, lembremos, ocupava um

posto de funcionário do consulado da Áustria quando a Polônia ainda sofria interferência deste país, e Gardolinski casou-se, no ano de sua chegada a Porto Alegre, em 1941, com uma sobrinha do Cônsul Geral da Polônia (Stawinski, 1976, p. 219); ou seja, Gardolinski, por um lado, tinha ligações bastante estreitas com representantes do governo polonês do período pré-influência soviética, e, por outro, era um brasileiro nato.

Um aspecto secundário da presença consular, mas que tem peso nas camadas médias intelectualizadas, é a possibilidade de promoção dos intelectuais descendentes de imigrantes, através do apoio a publicações e concessão de bolsa de estudos. O doutoramento de Bernardete Popoaski em uma universidade da Cracóvia, em 1998, como parte de um programa de intercâmbio entre o Brasil e a Polônia, especificamente com o Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Varsóvia (Wenczenovicz, 2002, p. 19), é um caso praticamente único entre acadêmicos do Rio Grande do Sul.

O último fator a ser abordado, como tendo influência nas formulações identitárias dos poloneses no sul do Brasil, é o peso dos judeus-poloneses, mais propriamente daqueles que se identificam como sendo judeus, vinculando-se a entidades judaicas e contribuindo para a expressão dessa coletividade no Rio Grande do Sul, ainda que faltem dados quantitativos dessa presença.

A porcentagem de judeus entre os poloneses da Argentina nas primeiras décadas do século XX, estimada por Pysik (1944, p. 308), por meio de dados das confissões religiosas, é muito alta: 20% de rutenos da Galitzia, 35% de russos brancos (confissão greco-católica e ortodoxa) e 45% de judeus (confissão mosaica). Gardolinski (1956, p. 107) considerava que a “maioria esmagadora” (93%) dos poloneses fosse católica, o que indicaria uma presença pouco expressiva de judeus entre os poloneses do sul do país. Outros dados, contudo, podem sugerir que essa porcentagem seja maior. Entre os “polacos” ou, mais especificamente, entre os ucranianos do 4º Distrito de Porto Alegre, eles eram dos mais atuantes em entidades associativas (Fortes, 2004, p. 137).

A fundação de uma associação específica dos judeus poloneses, a Poilisher Farband, em 1931, em Porto Alegre, vinculada ao Comitê Central dos judeus poloneses no Rio de Janeiro (Eizirik, 1984, p. 57), é uma demonstração inequívoca da presença dos judeus poloneses. Muitos judeus de Erechim, que, em 1934, fundaram a Sociedade Cultural e Beneficente Israelita de Erechim (Eizirik, 1984, p. 117), eram poloneses. Segundo dados

¹⁹ “Interesse da Polônia” (*Correio do Povo*, 27/11/1945, n. 48, p. 6); “Cônsul da Polônia” (*Correio do Povo*, 01/05/1949, n.178, p.6).

²⁰ Noticiário (*Correio do Povo*, 22/07/1951, n. 239, p. 5). Sobre a comemoração conjunta ver *Correio do Povo* (06/05/1951, n. 176, p. 6).

²¹ “Colônia Polonesa” (*Correio do Povo*, 22/02/1952, n. 120, Diversas, p. 6).

de documentos de meados da década de 1940, entre os colonos israelitas da Fazenda Quatro Irmãos, núcleo de colonização judaica criado na região que corresponde atualmente aos municípios de Erechim e Getúlio Vargas, 46% eram poloneses e 36% lituanos (Gritti, 1997). A partir da década de 1950, uma família desses judeus poloneses dá início à mecanização da lavoura, expandindo a produção (Eizirik, 1984, p. 25). Mesmo sendo vistos como “poloneses” pela sociedade majoritária, esses judeus dificilmente assumiriam papéis de liderança, que costumam ser atribuídos aos imigrantes bem-sucedidos (Núñez Seixas, 2006, p. 26), do campesinato polonês católico da região. De resto, ao longo das décadas, foram se transferindo para a capital do Estado (Eizirik, 1984, p. 117), reforçando o grupo de judeus porto-alegrenses.

A criação do Estado de Israel, em 1948, possibilitou aos judeus e aos judeus poloneses, por conseguinte, um suporte que os poloneses experimentavam de forma instável, uma representação diplomática. A vinda do embaixador de Israel no Brasil a Porto Alegre, em 1952, foi amplamente festejada, com a presença de representantes das comunidades judaicas de várias cidades do Rio Grande do Sul (Eizirik, 1984, p. 100).

Em suma, está se afirmando que a menor ou maior quantidade de estudos e publicações sobre grupos imigrantes deve-se a múltiplos fatores, destacando que uma produção expressiva costuma estar associada à existência de camadas urbanizadas de gerações posteriores “interessadas” em afirmar-se em determinados espaços acadêmicos e editoriais e à inexistência, por um tempo relativamente longo, de clivagens internas que rompam com uma identidade coletiva, reconhecida, dentro e fora do grupo, por um termo homogeneizante. Este artigo buscou justamente dar alguma visibilidade ao que foi produzido, e ao contexto em foi produzido, sugerindo que a avaliação em perspectiva com a produção sobre outros grupos étnicos, que parece ter um significado maior dentro do campo de estudos sobre a imigração, pode auxiliar a compreender a evolução das formulações identitárias entre os descendentes dos imigrantes poloneses e os efeitos desse processo sobre a produção historiográfica.

Referências

- ANAIAS DA COMUNIDADE BRASILEIRO-POLONESA. 1970-1977. Curitiba, Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná.
- ANDERSON, P. 1995. *Linbagens do Estado Absolutista*. 3ª ed., São Paulo, Brasiliense, 549 p.
- BOURDIEU, P. 1983. O Campo Científico. In: R. ORTIZ (org.), *Pierre Bourdieu*. São Paulo, Ática, p. 122-155.
- CAPPELLIN, P.; GIULIANI, G.M. 2010. Famílias, empresas e mercado. In: P. CAPPELLIN et al. *Entre Memória e Mercado: Famílias e empresas de origem italiana no Brasil*. Belo Horizonte, Argvmentvm, p. 39-82.
- CASSOL, E. 1979. *Histórico de Erechim*. Passo Fundo, Instituto Social Padre-Berthier.
- CORREIO DO POVO. 1945-1951. Porto Alegre.
- CUBER, P.A. 1975 [1898]. *Nas margens do Uruguai*. Ijuí, Museu Antropológico Diretor Pestana, 47 p.
- D'APREMONT, B.; GILLONNAY, B. de. 1976. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul: 1896-1915*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 267 p.
- EIZIRIK, M. 1984. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul/Porto Alegre, Editora da UCS/EST, 181 p.
- FORTES, A. 2004. *Nós do Quarto Distrito. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul/Rio de Janeiro, Educs/Garamond, 459 p.
- GANS, H.J. 1996. Symbolic Ethnicity: The future of ethnic groups and cultures in America. In: W. SOLLORS (ed.), *Theories of ethnicity: a classical reader*. New York, New York University Press, p. 424-459.
- GARDOLINSKI, E. 1956. Imigração e colonização polonesa. In: K. BECKER (org.), *Enciclopédia Rio-grandense*. Canoas, Regional, vol. 5, p. 1-104.
- GARDOLINSKI, E. 1976. *Escolas da colonização polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/Caxias do Sul, ESTSLB/UCS, 136 p.
- GRITTI, I.R. 2004. *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul. A emergência do preconceito*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 216 p.
- GRITTI, I.R. 1997. *Imigração judaica no Rio Grande do Sul. A Jewish Colonization e a Colonização de Quatro Irmãos*. Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 154 p.
- GUÉRIOS, P.R. 2008. As condições sociais de produção das lembranças entre imigrantes ucranianos. *Mana*, 14(2):367-398.
- IANNI, O. 1966. A situação social do polonês. In: O. IANNI, *Raças e classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 167-195.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). [s.d.]. Biblioteca do IBGE na internet. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em 12/03/2009.
- KLEIN, H.S. 2000. Migração Internacional na História das Américas. In: B. FAUSTO (org.), *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. 2ª ed., São Paulo, EDUSP, p. 13-31.
- LIMA JR, A.V. da C. 1996. *“Prisão” em Lageado Pepino: Gênese e efeitos sociais de uma ação exemplar*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. UFRJ, 298 p.
- MAESTRI, M. 2002. Poloneses no Rio Grande do Sul: uma história por contar-se. In: T. WENCZENOVICZ, *Montanhas que furam as nuvens! Imigração Polonesa em Áurea (1910-1945)*. Passo Fundo, Ediupf, p. 9-11.
- MALCZEWSKI, S.Z. 2002. Editorial. *Projeções. Revista de estudos polono-brasileiros*, IV(1):9.
- MALCZEWSKI, S.Z. 2007. Algumas considerações sobre o livro de Isabel Rosa Gritti a respeito de preconceito em relação à imigração polonesa no Rio Grande do Sul. *Projeções*, IX(2):13-29. Disponível em: <http://www.polonicus.com.br/pt/index.htm>. Acesso em: 09/05/2011.
- MARMILICZ, P.T. 1998. *Linba Bom Jardim. Cem anos de colonização (1898-1998)*. Ijuí, Policromia Gráfica e Editora, 142 p.
- NIEVINSKI FILHO, E. 2002. Os poloneses em Porto Alegre. *Projeções. Revista de estudos polono-brasileiros*, IV(1):85-92.

- NÚÑEZ SEIXAS, J.M. 2006. Modelos de liderazgo em comunidades emigradas. Alguma reflexiones a partir de los españoles en América (1870-1940). In: A. BERNACONI; C. FRID, *De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)*. Buenos Aires, Biblos, p. 17-41.
- OLIVEIRA, M. de. 2009. Origens do Brasil meridional: dimensões da imigração polonesa ao Paraná, 1871-1914. *Estudos Históricos*, 22(43):218-237.
- ORTIZ, R. 1983. A procura de uma sociologia da prática. In: R. ORTIZ (org.), *Pierre Bourdieu*. São Paulo, Ática, p. 7-36.
- POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. 1998. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo, Editora da UNESP, 250 p.
- PYZIK, E. 1944. *Los Polacos en la Republica Argentina (1812-1900)*. Algunos antecedentes históricos y biográficos. Buenos Aires, Instituto Cultural Argentino-Polaco.
- SEIDL, E. 2007. "Intérpretes da história e da cultura": carreiras religiosas e mediação cultural no Rio Grande do Sul. *Anos 90*, 14(16):77-110.
- SINGER, P. 1968. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Cia. Editora Nacional/Ed. da USP, 337 p.
- STAWINSKI, A.V. 1976. *Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975)*. Porto Alegre/Caxias do Sul, ESTSLB/UCS, 255 p.
- WACHOWICZ, R.C. 1974. *O camponês polonês no Brasil: Raízes medievais da mentalidade emergente*. Curitiba, PR. Tese de Livre Docência. Universidade Federal do Paraná.
- WACHOWICZ, R.C.; MALCZEWSKI S.Z. 2000. *Perfis polônicos no Brasil*. Curitiba, Vicentina, 476 p.
- WEBER, R. 2002. A construção da "origem": os "alemães" e a classificação trinária. In: A.L.S. RECKZIEGEL; L.O. FÉLIX, *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo, Editora da UPF, p. 207-215.
- WEBER, R. 2006. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. *Dimensões*, 18:236-250.
- WEBER, R. 2008. Grupos Étnicos, Estratégias étnicas. In: A. SIDEKUM; I. ARENDT; I. GRÜTZMANN, *Campos múltiplos: identidade, cultura e história*. São Leopoldo, Nova Harmonia/Oikos, p. 235-255.
- WEBER, R. 2009. Romances sobre inmigrantes y afirmación étnica. *Acta Literaria*, 38:27-42.
- WEBER, R.; BOSENBECKER, P. 2010. Disputas pela memória em São Lourenço do Sul: uma visão histórica de representações étnicas. *Cadernos do CEOM*, 23(32):347-369.
- WENCZENOVICZ, T.J. 2007. *Luto e silêncio: doença e morte na área de colonização polonesa no RS (1910-1945)*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- WENCZENOVICZ, T.J. 2002. *Montanhas que furam as nuvens! Imigração Polonesa em Áurea (1910-1945)*. Passo Fundo, Ediupf, 173 p.
- WENDLING, L.M.M. 1971. O imigrante polonês no RS. *Estudos Leopoldenses*, n. 17.
- WIERZCHOWSKI, L. 2006. *Uma ponte para Terebin*. Rio de Janeiro, Record, 444 p.
- WONSOWSKI, J.L. 1976 [1956]. *Nos peraus do rio das Antas: núcleo de imigrantes poloneses da ex-colônia Alfredo Chaves*. Porto Alegre/Caxias do Sul, ESTSLB/UCS, 68 p.

Submetido: 15/06/2011

Aceito: 25/10/2011

Regina Weber
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em História
Caixa Postal 15055, Agronomia
91501-970, Porto Alegre, RS,

Thaís J. Wenczenovicz
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Rua José Bisognin, 250, Centro
99700-000, Erechim, RS, Brasil